

PRETEXTOS OU TESTEMUNHOS? (em torno da crônica de José Saramago)¹

Elza Miné

Resumo

A presente comunicação procura tecer algumas considerações sobre José Saramago cronista. Tendo em vista os textos que publicou em *A Capital* (1968-9) e no *Jornal do Fundão* (1971-2) - recolhidos, respectivamente, nos volumes *Deste Mundo e do Outro* (1971) e *A Bagagem do Viajante* (1973) - são apontadas linhas de força que presidem sua elaboração, bem como se vêem analisadas a atitude narrativa e algumas das estratégias discursivas neles apreensíveis.

Abstract

The present paper aims to elaborate some considerations on José Saramago as a chronicler. Looking at his textual productions published by *A Capital* (1968-9) and the *Jornal do Fundão* (1971-2), which integrate the volumes *Deste Mundo e do Outro* (1971) and *A Bagagem do*

Viajante (1973) - main lines are pointed out and narrative attitude as well discursive strategies are analysed.

As considerações que vou agora apresentar giram em torno das crônicas de José Saramago, sobre as quais julgo necessário dar já a devida atenção. Mesmo que como resultado de uma primeira aproximação, como é o meu caso, hoje. Servem-lhe de base crônicas que Saramago escreveu para *A Capital* em 68 e 69 e que foram reunidas no volume *Deste mundo e do outro* (1971); e também aquelas que, publicadas originalmente ainda na *Capital* em 69 e as inscritas originalmente no semanário *Jornal do Fundão* em 71-72, foram publicadas em livro sob o título *A bagagem do viajante* (1973).

São, assim, 120 crônicas selecionadas pelo Autor para publicação em livro e que apresentam uma dimensão mais ou menos padrão - aquela que lhes seria determinada pelo espaço a ocupar nas respectivas colunas das publicações periódicas em que inicialmente se inseriram.

Começo por citar uma passagem do primeiro desses livros.

...pus-me a olhar, do horizonte desta mesa, essa terra que é minha, que não conheço toda, que mal conheço, de que tão pouco sei, onde há gente que fala a minha língua, gente para quem escrevo estas crônicas, que são como pontes lançadas no espaço vazio à procura de solo firme onde possam assentar a sua esperança de duração. (p.52)

Retomo, emprestando-lhe as palavras:

Leio estas crônicas e ponho-me a olhar, do horizonte desta mesa, aquela terra que não é minha, que não conheço toda, que mal conheço, de que tão pouco sei, onde há gente que também fala a minha língua. Em solo distante, assentou-se a ponte.

Seduzida e guiada pelo gosto de José Saramago de tatear, pesar, indagar, revirar as palavras em seus desdobramentos de sentido e possibilidades virtuais de combinação; aguçada, pela dele, a minha sensibilidade para tentar ver, entre as palavras, aquelas que, como diz, "nos aconselham, sugerem, insinuem", leio, em seqüência (embora inverta-os com relação ao momento de publicação, como se um novo todo único constituissem, os dois títulos desses livros de crônicas:

ABAGAGEM DO VIAJANTE: DESTE MUNDO E DO OUTRO

Ora, *bagagem* é o que leva consigo quem faz uma *viagem*; é aquilo que traz aquele que chega, percorrido um caminho, realizado o percurso, empreendida a travessia. Em *viagem*, pois, os sentidos de busca e descoberta, de possibilidade de experiência e aprendizagem. Onde *bagagem* designar também conjunto de conhecimentos adquiridos; soma de sobrepostas vivências, filtragens de observador, registros de fragmentos, captação de pormenores, resgates da memória. Tudo isso traz consigo o *viajante*. *Viagem*: de que decorre, ou em que se constitui a "matéria vertente".

Carlos Drummond de Andrade (em *Ciao*, sua crônica-despedida de 1984) conta que, ao apresentar-se a um "modestíssimo" jornal da Belo Horizonte dos anos 20 em busca de trabalho, perguntando-lhe o seu diretor sobre que ele pretendia escrever, respondera: "... Sobre tudo. Sobre coisas deste mundo e de qualquer outro possível". *Deste Mundo e do Outro* foi o título que José Saramago escolheu para a sua primeira coletânea de crônicas, em 1971. Nelas tem também coisas para contar, pois está sempre "agudamente atento para todo o desconhecido, como se procurasse decididamente outro mundo" e penetra "na cidade como se mergulhasse num fluido resistente, sentindo-lhe as asperezas e as branduras". Nelas parece fasciná-lo o próprio contar. Não diria, a propósito das *Viagens na minha terra* (de Garrett), que "o melhor das *Viagens* é exatamente a *viagem* - a crônica"?

Nestas crônicas de *A bagagem do viajante deste mundo e do outro*, nunca "o 'puro em si' da coisa narrada", mas sempre a marca inconfundível "da mão do oleiro na argila do vaso", usando-se a expressão de Walter Benjamin. Sempre a presença poderosa de um narrador cujas qualidades tão bem focalizou para o romance e o conto Luís de Sousa Rebelo.

Nestas crônicas, reiterado e manifesto, o exercício de uma convivência íntima e auto-reflexiva com a palavra: aprendizagem de possíveis da escritura.

Nestas crônicas, ainda, da fragmentação a que obriga o gênero, vemos emergir, contudo, os grandes temas, as linhas mestras, os sentidos dominantes. Aliás, seria importante lembrar o diferente tipo de recepção propiciado pela reunião em livro. À periódica fragmentação de contacto a que se vê exposto o leitor do jornal, ou periódico (e não se está deixando de considerar a natureza intrínseca de periodicidade que funda sua elaboração), substitui-se a possibilidade de uma leitura conjunta de dias, semanas, meses. Uma leitura, enfim, de avanços e recuos, que nos propicia a apreensão das linhas mestras, a que nos referíamos, e que "os minutos no café da manhã ou à espera do

coletivo" - como se refere Drummond ao "prazo de atuação" da crônica - definitivamente não permitem.

É em uma das crônicas de *Deste Mundo e do Outro* ("Viagens na minha terra"), que se encontra a passagem:

Bem sei que os tempos, aqui para nós, não vão para crônicas. Dividido entre o título da primeira página e o boletim meteorológico (ou não), entre as notícias do estrangeiro e as novidades locais - o leitor afasta os olhos carregados de preocupação ou com bilhete para as evasões possíveis. Crônicas, que são? pretextos, ou testemunhos? São o que podem ser.

Não se trata, acredito, de mero questionamento acerca das possibilidades diferenciadoras que o gênero poderia acolher. Ancorada no tempo e dele vivendo, inscrita em veículos de ampla circulação, como o jornal, a crônica - aquele canto de prosa rotulado, convencionalmente, como de circunstância, discurso que se tece a partir de uma desculpa, ou motivo qualquer, que encontra um pretexto (um possível primeiro sentido para pretexto) - a crônica, repito, não estaria, por isso, a salvo do zelo vigilante do censor. (Nós, aqui, também sabemos dessas coisas...). E, nestes casos, uma estratégia possível de resistência seria a manutenção do território, mesmo que ali, no limite. Como resultado, regra de jogo tacitamente aceita, o instaurar-se de um certo movimento pendular: num pólo, com toda a gama de estratégias discursivas que para tal se mobilizam, a priorização dos fins aparentes, a encobrir o verdadeiro motivo - o pretexto; no outro, a explosão melancólica ou veemente que já não se contém, que já não se contenta em expressar-se pelo viés da ironia, da alusão indireta, do implícito - o pólo do testemunho, do depoimento aberto de testemunha. De um pólo a outro, a oscilação das situações intermediárias. Crônicas são assim, nessas circunstâncias, repito com Saramago, o que podem ser.

Aliás, um dos grandes prazeres que nos reserva a leitura dessas crônicas é a busca dos sentidos outros (entrevistos num pequeno comentário, escondidos em toda uma narrativa), das leituras possíveis, o deciframento das ambigüidades, a tentativa de se ouvir os eloqüentes silêncios. Pois que tudo isso se dá e se constrói com a mais requintada sutileza. Penso, por exemplo, em "A história do rei que fazia desertos", em "O crime da pistola", em "O tempo e a paciência", em "O rato contrabandista".

A voz que critica o discurso tecnocrata, que manifesta horror e desprezo pelas "frases boleadas e campanudas", que alerta o leitor para a "matéria turva do comportamento social" que se esconde por baixo da "pele aparentemente isenta da linguagem", que aconselha a este leitor que "pegue nas palavras,

pese-as, meça-as, veja a maneira como se ligam, o que exprimem, decifrem o arzinho velhaco com que dizem uma coisa por outra" é a mesma voz que, numa cerrada seqüência de definições metafóricas, pela via dominante da antropomorfização, as separa - as palavras -, na crônica do mesmo nome, em palavras de "morte e salvação". A voz que as deseja "densas, carregadas de significação, de sentido, de força, de capacidade de ação", em "Esta palavra esperança", é também a voz que efetua a lírica recuperação das "palavras da infância que precisam esperar longos anos, até deixarem de ser um cego cantar de sons e encontrarem a imagem real que lhes correspondem", em "Terra de Siena molhada".

Na verdade, a freqüência com que se dá a reflexão sobre a linguagem, quer em nível explícito, como acabamos de lembrar, quer revelada através de uma enunciação que a si mesma se pensa e se corrige no momento em que se dá (o uso de parênteses sendo, então, o recurso mais comumente mobilizado) instituem-na a ela, linguagem, como a grande linha de força, vertente, deste conjunto de textos.

Vertente dominante, polarizadora desse contar ou comentar em que, como crônicas, se constituem. Como o fato da instância - narradora ou comentadora - apresentar-se, encarnada, como um homem comum, como quem não veio ao mundo "carimbado e com salvo-conduto", mas para quem (diria até que orgulhosamente) para além da terceira geração "reinam as trevas completas". (Inesquecível a presença avassaladora daquele avô em "Retrato de antepassados"). É sempre o homem comum que povoará estas crônicas. Homem comum que constrói o quotidiano. Quotidiano em que, no confronto diário - de encontro ou afastamento, de luta ou comunhão - se constroem as relações humanas, as relações sociais e se tece a história.

Ainda pelo fato de que, no cortejo das evocações de que estas páginas tão fortemente também se nutrem - e que os textos registram freqüentemente enquanto imagens, imagens estas introduzidas pelo verbo que designa a sua captação por excelência, o verbo ver - nunca ocorra o resvalar para o saudosismo, sempre cuidadosamente banido. A reminiscência - de pessoas, paisagens, de momentos e situações, mais próximas ou mais longínquas - desemboca, do passado, diretamente num presente, o da enunciação, para suscitar, no enunciador / cronista, a reflexão que sobre ela (evocação) este presente lhe dita, ou sugere. Nunca, portanto, o movimento retroativo unidirecional da volta, para lá permanecer. Sempre um ir, voltar, refletir, para seguir.

Trabalhando a sua memória, pôde assim registrar também a memória do homem comum, que não tem voz, mas que através dele se expressa. Mesmo porque a memória comparece, nestas crônicas, sempre, como um fator de transformação e não de

permanência: não é, por exemplo, o valor em si dos antigos feitos portugueses que é alvo de desprezo, mas o suporte de significado a que se foram prestando. O que muda, sabemos, não são os fatos, mas o significado que cada época, cada pessoa lhes pode conferir. A estes, sim, contesta. E irônica e melancolicamente, opõe aos marcos de pedra que, emblematicamente, viajavam nos porões dos navios para plantar, além dos mares, as armas reais de Portugal, as sementes de couve que o imigrante - navegador deste século XX - carregou emblematicamente no bolso durante vinte anos, para finalmente plantá-las na Austrália, delas obtendo um pé de couve de dois metros e vinte de altura... ("Elogio à couve portuguesa" em *A bagagem do viajante*). E penso, já agora, seguindo este fio, em crônicas como "Ir e voltar", ou "Os foguetes de lágrimas", ambas recolhidas nesse mesmo livro.

Que seja para a observação crítica, o comentário jocoso, a lírica evocação contemplativa, a dolorosa constatação de indícios de degradação humana, o cronista, se muitas vezes assume a postura de quem confia ao seu leitor seus modos de ver, suas idiossincrasias, também é verdade que procura a cumplicidade desse mesmo leitor (a quem chama de "ingênuo", "curioso", "atento", "interessado", ou simplesmente "leitor") e o convida a com ele partilhar da observação - "Olhemos, que vale a pena!" -, a acompanhar-lhe a reflexão, a entender-lhe as entrelinhas, ou a ele juntar-se no desafogo - "Desabafe, leitor, diga o que pensa de toda esta comédia de enganos que vai sendo a nossa vida". E é também para este leitor, mesmo quando não explicitamente chamado, que tantas vezes se dirige o apelo incisivo, ou o grito - de alerta ou revolta - a brotar de uma voz contundente, militantemente empenhada nas cousas e causas do seu povo, do seu país, do seu tempo.

Entre as atitudes mais reiteradamente confessadas pelo narrador e que se projetam diretamente nos modos de ser destas crônicas, está a de uma "doentia observação". Observação que se volta, obstinadamente, para pessoas, coisas, lugares, em caça consciente de seu "perfil secreto", o que resulta, em nível de texto, na fixação e exploração desdobrada do pormenor revelador, como no quase cruel "Um braço no prato", na descrição detalhista que procura captar ângulos escondidos, ou fisgar, de chofre, um traço particularizador. Como quando as burguesas do restaurante são "cabeças oleosas e odiosas". Como esperar algo de diferente de um narrador que se confessa "microscópio assestado às pessoas", podendo "radiografar rostos para além dos próprios ossos"?...

Mas Saramago se mostra parente próximo de um Braga, de um Drummond, nos momentos em que faz transcender, pela reflexão que provoca, o fato corriqueiro, a cena banal. Quando, como eles, entra fundo, por essa via, no "significado dos atos e

sentimentos do homem, podendo levar longe a crítica social", como diz Antonio Candido em seu ensaio-apresentação de alguns cronistas brasileiros, "A vida ao rés-do-chão". Quando, como um Braga, um Drummond deixa apenas aflorar, mas na justa medida, o traço lírico.

Talvez por ser a crônica um gênero fluido, multifacetado, também como eles faça a inserção, no próprio tecido textual, da declaração de como encara sua atividade de cronista: "tarefa" para Drummond, "trabalho" para Braga, "ofício" para Saramago. E talvez por isso faça também como eles, nas próprias crônicas, considerações sobre a crônica que, reunidas, nos permitiriam reconstituir o que poderíamos chamar de suas "teorias da crônica".

Resumindo, e já para terminar, como Drummond, Saramago sabe, de dentro, que "de notícia e não notícia faz-se a crônica", e o vemos fazer, para concluir com suas próprias palavras, "da matéria da vida (da sua e da alheia, deste mundo e do outro) a ponte de comunicação e a própria comunicação".

Nota

1. Este texto reproduz minha apresentação em mesa-redonda sobre "Literatura Portuguesa Contemporânea" no *I Encontro Nacional de Culturas Portuguesa, Brasileira e Africanas de Língua Portuguesa*, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais, de 10 a 14 de agosto de 1987.